

A Materia Médica Misionera do Ir. Pedro de Montenegro SJ. (1710) - Produção e Circulação de saberes médicos e práticas científicas na América.

Deckmann Fleck y Eliane Cristina.

Cita:

Deckmann Fleck y Eliane Cristina (2013). *A Materia Médica Misionera do Ir. Pedro de Montenegro SJ. (1710) - Produção e Circulação de saberes médicos e práticas científicas na América. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/237>

**XIV Jornadas
Interescuelas/Departamentos de Historia
2 al 5 de octubre de 2013**

ORGANIZA:

Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras

Universidad Nacional de Cuyo

Número de la Mesa Temática: 28 [Historia Americana]

Título de la Mesa Temática: *La Compañía de Jesuitas en la América colonial*

Apellido y Nombre de las/os coordinadores/as: Carlos Paz, Eduardo Neumann e Artur Barcelos

**“MOVIOME A ESCRIBIR ESTE LIBRO, EL DESEO DE REUNIR EN UN
CUERPO, LO QUE NO HE PODIDO HALLAR EN LIBRO ALGUNO”:
REFLEXÕES SOBRE EVIDÊNCIAS DE CIRCULAÇÃO E DE APROPRIAÇÃO
DE SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS NA OBRA MATERIA MEDICA
MISSIONERA DE PEDRO DE MONTENEGRO (1710)***

*Prof^a Dr^a Eliane Cristina Deckmann Fleck***

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

ecdfleck@terra.com.br

Sobre a obra e seu autor

Datado de 1710, o tratado de botânica médica – também conhecido como *Materia Medica Misionera* –, elaborado pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro, guarda semelhanças com as Matérias médicas europeias tradicionais, por reunir receitas, ilustrações e descrições de cerca de cento e cinquenta plantas medicinais de origem européia, asiática e americana, que, por suas virtudes, poderiam ser empregadas no atendimento de enfermos. A circulação de cópias deste tratado ao longo do século XVIII fica evidenciada nas referências que lhe são feitas pelos padres jesuítas Pedro Lozano e Sanchez Labrador, bem como as menções que fizeram dele naturalistas como Felix de Azara e Aimé Bompland, no século XIX. Uma cópia manuscrita do *Libro primeiro de la propiedad y birtudes de los arboles i plantas de las misiones y províncias de Tucumán con algunas del Brasil y del Oriente* – se encontra guardada na Biblioteca Nacional de Madri. Outra, datada de 1790, está disponível para consulta no Instituto Anchietano de Pesquisas da Unisinos, São Leopoldo, RS, não contando, contudo, com as ilustrações das plantas presentes no original, tendo sido, ao que tudo indica, copiada por uma pessoa pouco letrada, haja vista as incorreções gramaticais.¹ O manuscrito teve duas versões impressas na Argentina. A primeira, divulgada na *Revista Patriótica del Pasado Argentino*, em 1888, foi realizada por Manuel Ricardo Trelles, sob o título *Materia Medica Misionera*, e a segunda esteve a cargo de Raúl Quintana, tendo sido editada, sob a mesma denominação, pela Biblioteca Nacional de Buenos Aires, em 1945.²

Seu autor, Pedro Montenegro, nasceu em Santa María, na Galícia espanhola, em maio de 1663 e, ainda jovem – provavelmente, em 1679 –, iniciou seus estudos de medicina no *Hospital General de Madrid*³, tendo ingressado na Companhia de Jesus,

¹ No exemplar manuscrito que consultamos no IAP-UNISINOS há uma breve anotação feita à mão por Bartolomeu Meliã e datada de 1986: “*El presente manuscrito parece ser de la época y está escrito por quien no domina la lengua castellana, y así podría ser un indio misionero.*” Esta observação parece confirmar a hipótese levantada por Heloísa Gesteira de que estes textos eram copiados [pelos próprios missionários ou, então, por copistas indígenas], distribuídos e compartilhados pelos jesuítas instalados em várias regiões atendidas pela Companhia de Jesus [daí, trazer os nomes das espécies de plantas em espanhol, tupi e guarani], conformando uma “rede de troca de experiências e de informações” e um “processo de cosmopolitização das práticas médicas, que, por sua vez, era acompanhada por um processo de experimentação, cultivo e disseminação de plantas.” (Gesteira, 2006: 5).

² Esta versão tem 458 páginas, além de 148 desenhos de plantas feitos à mão, contando com uma imagem de Nossa Senhora das Dores, padroeira dos doentes, em seu frontispício. Os três primeiros capítulos da obra trazem as nomenclaturas e propriedades das plantas, as orientações quanto ao tempo certo para serem colhidas, bem como suas virtudes, enquanto que o quarto capítulo apresenta, detalhadamente, quais ervas, raízes e cascas deveriam ser administradas em determinadas enfermidades.

³ O exercício da Medicina na Espanha – e, posteriormente, na América, no México (1546) e em Lima (1570) – era regulado pelo Protomedicato que concedia a licença necessária para o desempenho da

em abril de 1691, com a idade de 28 anos. No Catálogo da Província Jesuítica do Paraguai do ano de 1703, consta que o irmão Montenegro “(...) *había hecho los últimos votos el 25 de abril de 1703, que se allaba en las Misiones del Rio Paraná, que sus fuerzas físicas eran ‘débiles’ y su oficio era el de cirujano (Chirurgus)*” (Furlong, 1947: 67).⁴ Sabe-se que neste mesmo ano, passou a atuar na redução de *Concepción*, em *Misiones*, tendo falecido no dia 20 de fevereiro de 1728, na redução de *Mártires*.⁵ Nas páginas iniciais da *Materia Medica*, o próprio Montenegro fornece informações que permitem reconstituir sua trajetória na Europa e na América:

Lo que te puedo asegurar es, que las plantas que aqui te doy pintadas son verdaderas medicinas para lo que te prometen curar; que por espacio de treinta y un años que há que comencé á curar en el hospital general de Madrid, algunas de ellas he reconocido sus virtudes, y mayormente de 12 años acá, que por hallarme en estas tierras de la America sin Botica, ni Boticarios, me ha forzado á que con ellas hacerme autor de Botica. (Montenegro [1710], 1945: 4-5)

Depreende-se desta passagem que o jesuíta iniciou-se nas *artes de curar* no *Hospital General de Madrid*, provavelmente como aprendiz, aos 16 anos de idade. A função primordial deste hospital, quando de sua fundação, não era a de tratar doentes, mas a de abrigar desvalidos: “*aya puerta abierta para la entrada de todos los pobres hombres y mugeres, que a ella vinieren: los quales han de ser recibidos con toda piedad, y a todas horas*” (Ordenanzas..., 1611: 1). Esta condição, contudo, não deve ter impedido o seu contato com médicos e cirurgiões e, muito especialmente, com boticários e com *platicantes* e *enfermeros*, que executavam as ordens dos médicos e realizavam procedimentos cirúrgicos, atendendo a todas as necessidades dos doentes.

profissão. As regras de seu funcionamento foram definidas somente durante o reinado de Felipe II (1527-1598), período em que foram instaladas cátedras nas universidades e criados hospitais para o fomento dos estudos de Medicina. Sabe-se que existiam três categorias de médicos à época: o doutor (aquele que havia completado seus estudos na universidade), o licenciado (autorizado a exercer a medicina ou a cirurgia, dentre os quais se destacavam os práticos) e o médico militar. À margem destas categorias, encontravam-se os boticários (encarregados da preparação e venda de medicamentos) e os sangradores.

⁴ Considerando a formação que Pedro de Montenegro teve na Espanha e os procedimentos terapêuticos empregados pelos médicos e cirurgiões à época – que previam sangrias, a ingestão de ervas medicinais, fricções, a aplicação de ventosas e emplastos com os mais variados ingredientes e cataplasmas, bem como amputações e correções de desvios ósseos – e o ofício a ele atribuído no Catálogo – o de cirurgião –, pode-se inferir quais as atividades que viria a desempenhar nas missões da Companhia de Jesus na América.

⁵ Nos catálogos de 1715, 1720 e 1724, as informações são as de que o irmão jesuíta vivia nas “*reducciones del Paraná*” [região de Misiones, Argentina], e que fazia 22, 26 e 30 anos, respectivamente, que era “*enfermero (infirmarius)*”. (FURLONG, 1947: 67-68).

Não há comprovação de que Montenegro teve formação como cirurgião⁶ ou boticário, mas, com certeza, atuou como *enfermero* e teve conhecimentos teóricos e práticos sobre botânica médica ainda na Espanha,⁷ o que parece explicar o fato de ter sido encarregado pelos superiores da Companhia de Jesus de supervisionar a botica do Colégio de Córdoba, já na condição de irmão jesuíta.⁸ O período de sua formação no *Hospital General de Madrid* parece explicar também a preocupação que ele evidencia, ao longo da *Materia Medica*, em fundamentar os procedimentos terapêuticos a serem adotados no tratamento dos “*doloridos enfermos*”.⁹

Daqueles que fossem atuar no *Hospital de Madrid* era requerida experiência pessoal, especialmente para cargos de algum destaque, exigência que não ficava restrita aos profissionais envolvidos diretamente nos ofícios ligados à cura. Se contadores, mordomos e, mesmo cozinheiros, deveriam ser experientes em seu ofício, o candidato à ocupação de *enfermero mayor* deveria ser alguém “*de mucha esperiencia, y charidad para con los pobres enfermos*” (Ordenanzas..., 1611: 15). Outro aspecto recorrente nas “*Ordenanzas*” é a recomendação de que determinadas funções deveriam ser ocupadas preferencialmente por “*hermanos de habito*”, como se pode constatar na recomendação de que o porteiro “*sea bien entendido, y de confianza, eligiendole entre los hermanos de habito si fuere posible, y siendo lego ha de vivir dentro de la misma casa*” (Ordenanzas..., 1611: 19)¹⁰. A estes “*hermanos de habito*” cabia officiar missas e

⁶ Montenegro, assim como outros irmãos coadjutores, atuou como cirurgião nos conflitos de que participaram as milícias de indígenas nas reduções, como na tomada da Colônia de Sacramento em 1704-1705. Ver *Certificado de Andrés Gómez de la Quintana. Sobre los servicios prestados por los indios de las reducciones en el desalojo de los portugueses de la Colonia. 1705 – noviembre – 29. Caja 1, carpeta 1 bis fls.: 2. Archivo General Administrativo (1705-1705). Archivo General de la Nación. Montevideo. Uruguai*

⁷ No caso de Montenegro, evidencia-se tanto o conhecimento dos autores clássicos, quanto o contato com os pressupostos de uma renovada ciência médica na Espanha, que conciliava a adoção de línguas modernas nos tratados médicos com a manutenção de uma terapêutica que previa sangrias, purgantes e dietas. Vale ressaltar que na segunda metade do século XVII, não havia na Espanha um ambiente de aceitação irrefutável da teoria hipocrático-galênica, o que levou à proliferação de uma literatura médica que condenava, por exemplo, a utilização de elementos químicos na composição de medicamentos e fazia a defesa das terapêuticas tradicionais para “*la salud de todos los mortales*” (MOREJON, 1847: 336)

⁸ Vale lembrar que Montenegro tinha quase 30 anos quando ingressou na Ordem. É plausível supor que tenha buscado na Companhia de Jesus a possibilidade de continuar exercendo o ofício ao qual já se dedicava em Madri, atuando como “*autor de Botica*”, como ele mesmo se denominou.

⁹ Para melhor entendermos como se deu a formação de Montenegro, nos valem das “*Ordenanzas, y constituciones para el para el buen gobierno, y administracion del Hospital General de la Misericordia desta villa de Madrid, y de los demás Hospitales, por autoridad Apostolica y Real, a el reducidos*” e da “*Recompilacion de las Leyes, pragmaticas reales, decretos, y acuerdos del Real Proto-Medicato*”, que se encontravam em vigor no ano de 1679, quando ingressou como aprendiz no hospital.

¹⁰ Tais preocupações ficam demonstradas em diversos pontos das “*Ordenanzas*” que orientam os profissionais no sentido de manterem separadas as enfermarias masculinas e femininas, como segue: “*El quarto de las mugeres estará muy distinto, y apartado del de los hombres, y la porteria dellas ha de estar*

acompanhar os cortejos fúnebres, juntamente com o pobres, que, após as refeições deveriam rezar “*un Pater noster por los bienhechores, y alçadas las servilletas se barrerà la enfermeria*” (1611: 3).

Se aos pobres cabia varrer a enfermaria, a um irmão leigo competia assegurar que permanecessem limpas e que incensos fossem colocados nos quartos para evitar maus odores. Também o cozinheiro deveria observar a limpeza do ambiente no qual a comida era preparada, assim como o asseio dos próprios alimentos. Os pacientes não escapavam dessa orientação que conjugava limpeza, resignação e força divina, como fica claro no tratamento que deveriam receber ao entrar na instituição:

“Antes que los desnuden, los quiten el cabello, si lo tuvieren crecido, y despues los desnuden, y limpien, y vistan una camisa de las que el hospital tiene para su limpieza, el tiempo que se curaren, y haranlos persignar, y encomendar a Dios, encomendandoles la paciencia, y conformidad con su voluntad, y la obediencia a los medicos, y enfermeros en lo que conviniere a su salud.” (Ordenanzas..., 1611: 2).

Na *Materia Medica* de Montenegro, a preocupação com a limpeza – tão presente nas *Ordenanzas y Constituciones* do Hospital em que atuou – se manifesta nas quarenta e sete referências que seu autor faz ao verbo limpar e as suas variações. Nela, a limpeza, vale ressaltar, não se restringia aos ambientes, estendendo-se também às plantas após serem colhidas, aos objetos usados no preparo dos medicamentos e aos que eram utilizados para limpar chagas e feridas. Já a pureza da alma e a purga dos pecados, associados ao conceito de limpeza, aparecem na dedicatória feita a Nossa Senhora: “*para ir al Cielo Vos sois la escala, para ver á Dios Vos sois la puerta, para ser limpios de culpas Vos sois el mar de las aguas cristalinas á donde todos debemos acudir para ser sanos*” (Montenegro [1710], 1945: Dedicatória).¹¹

siempre cerrada, y para pedir lo que de la botica, ó botilleria huvieren menester, ó para outro recaudo, tendràn un torno, y el su campanilla, y uno, ó dos hombres viejos que acudan proveelles lo necesario: y en las enfermerias de las mugeres no se permitirá entre hombre ninguno, sino fuere con licencia del semanero, ó hermano mayor, y con causa justa, ni muger en las de los hõbres, sin la misma orden. Y esto se guarde inviolablemente” (Ordenanzas..., 1610: 3).

¹¹ Pedro Montenegro já era irmão jesuíta quando escreveu a *Matéria Medica Misionera* e o *Libro de Cirugía*, o que pode explicar a figura de um Deus Onipotente evidenciada no Prólogo da primeira obra: “*Tienese por cosa cierta, asi entre los Autores Griegos, como entre los Latinos, q.^e el inventor de la medicina fué solo Dios Inmortal”* (Montenegro [1710], 1945, Prólogo). Esta concepção encontrava ampla aceitação no século XVIII, inclusive, entre leigos, como se pode constatar nas obras do médico espanhol Francisco Suarez de Ribera. Em uma delas, a “*Medicina Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Medicopracticos, Chymico-Galenicos*”, Ribera afirmava que “*la doctrina, la ciencia, ni las virtudes de los medicamentos Bateanos ilustrados, no pueden producir el mas mínimo efecto salutífero, si Dios no lo governare, è ilustrare primero con el resplendor de su Divina Gracia*” (Ribera, 17?: 7).

Assim, além da experiência que os profissionais que viessem a atuar no hospital deveriam ter, outras condições fundamentais eram a retidão moral e a caridade cristã, associadas, em grande medida, ao papel social que uma instituição hospitalar deveria desempenhar. A justificativa que Montenegro dá para sua atuação parece comprovar o atendimento desta condição: “*más la caridad de hacer bien á mis hermanos, que la ambicion de autor de un libro* (Montenegro [1710], 1945: 5). No *Libro de Cirugía*, ele retomará esta motivação, deixando claro “*la justa esperanza que concebí del alivio que se seguiria para todos los doloridos enfermos*” (Montenegro Apud Acerbi, 1999: 19)

Mas o que teria motivado Montenegro a se dedicar à escrita de um tratado como a *Materia Medica* somente após ter iniciado sua atuação como missionário? Para responder a este questionamento, é preciso considerar que o período que se estende de 1691 [ano do seu ingresso na Companhia de Jesus] a 1703 [quando, com 40 anos de idade, passou a atuar na redução de *Concepción*] correspondeu ao de sua formação religiosa e também ao de sua atuação como boticário no Colégio de Córdoba.¹² Esse colégio foi o principal centro de formação da Província Jesuítica do Paraguai, e sua biblioteca, uma das mais completas do continente, contava com obras que versavam sobre os mais diversos temas, sendo que, especificamente, sobre as *artes de curar*, podem ser relacionadas mais de 40 obras, muitas delas referidas por Montenegro na *Matéria Medica*. Ao ser destinado para uma redução de indígenas, Montenegro perdeu contato não apenas com estas obras, mas também com o próprio acervo da botica do Colégio de Córdoba. É o próprio Montenegro quem nos oferece uma explicação para ter se dedicado à escrita neste excerto do *Libro de Cirugía*, também de sua autoria, datado de 1725¹³:

Moviome a escribir este libro, el deseo de reunir en un Cuerpo, lo que no he podido hallar en libro alguno, quanto es preciso, teniendo que

¹² Vale lembrar que a biblioteca do Colégio de Córdoba contava com obras como *Tesoro de Medicina*, de Egidio de Villalón; *Cirugía Universal*, de Calvo; *El Tratado de todas las enfermedades*, de Francisco Diaz; *Tratado de Medicina*, de Juan Amato e *Los Principios de Cirugía*, de Ayala. Como se pode constatar, nesta região da América hispânica “*los diversos textos del saber médico editados en Europa tuvieron presencia (...) y vários autores clásicos [especialmente en el siglo XVIII] comenzaron a ser conocidos y leídos*” (Page; Flachs, 2010: 128, 135). O colégio mantinha também uma botica “*tanto para abastecer la orden con medicina como para el servicio de la población local*”, o que é confirmado pelo inventário realizado em fevereiro de 1768, logo após a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios de domínio espanhol, que relaciona “*‘vinos’, unguentos, lameadores, aceites, esencias, ‘espíritus’, bálsamos, tinturas y elixires, sal volátil, emplastos, ‘confecciones’, preparaciones y polvos, pildoras, polvos cordiales, harinas, raíces, gomas, suecos, flores y aguas*” (Page; Flachs, 2010: 123).

¹³ O Prólogo do *Libro de Cirugía* foi publicado em GARZÓN MACEDA, F. *La Medicina en Córdoba. Apuntes para su Historia*. Tomos I-II-III. Buenos Aires: Talleres Gráficos Rodríguez Giles, 1916.

caminar continuamente y por diversas partes; no pudiendo llevar muchos libros, me hallaba faltar, muchas veces, de aquellos que trataban la materia del caso particular que se ofrecía, además que la justa esperanza que concebí del alivio que se seguiría para todos los doloridos enfermos, de estos mis apuntamientos, justo con la utilidad en el descanso propio, me ha esforzado mucho para trazar este, no sé si decir obligatorio trabajo. (Montenegro apud Cremades, 1999: 19)

A maior motivação, sem dúvida, parece ter sido a impossibilidade de, face às distâncias que era obrigado a percorrer para o atendimento de indígenas enfermos, “*llevar muchos libros, aos quais costumava recorrer para “la materia del caso particular que se ofrecía”*”.

Mais do que um relato de experiências: evidências de circulação e de apropriação de saberes

A *Materia Medica Misionera* de Montenegro evidencia a importância que seu autor confere à experiência, não apenas a que ele havia acumulado ao longo de mais de trinta anos de observação e experimentalismos com as plantas sobre as quais escrevia, mas também àquela que conferia autoridade a reconhecidos médicos e botânicos e, inclusive, a membros da Companhia de Jesus, como José de Acosta e Antônio Ruiz de Montoya.

Além das referências a autores clássicos de Medicina, como Galeno¹⁴ e Avicena, Montenegro faz especial menção a Dioscórides¹⁵, autor da obra *De Materia Medica*, bem como a alguns de seus editores e comentadores do século XVI, como Pietro Mattioli e Andrés Laguna. Isto parece explicar porque, ao escrever sobre as qualidades encontradas nas plantas, o irmão jesuíta tenha recorrido a explicações dadas por Dioscórides e Mattioli: “*Quatro son las qualidades calor, humedad, frialdad e sequedad, en cada una de estas se cuentan quatro grados, y los simples de q.^e se trata en este libro tienen de estas qualidades y sus grados en ellas*” (Montenegro [1710], 1790: Advertências Necessárias). Contudo, atestando que a observação e as experiências

¹⁴ É evidente a admiração de Pedro de Montenegro por Galeno [“*filósofo y príncipe de la Medicina*”] e a identificação com as concepções médicas galênicas, pois defendia que a cura consistia “*en cierta qualidad, cierta cantidad y cierto modo de aplicación*” (Montenegro [1710], 1790: Prólogo). A maioria dos Tratados deste período reflete claramente esta concepção hipocrático-galênica, mostrando sua forte influência desta teoria ainda no século XVIII, como fica exposto nos *Principios de Cirugía* de Ayala: “*Y assi para que hagan sanidad estos humores, han de tener cierta cantidad, y qualidad, y que esten bien templados*” (Ayala, 1705: 6).

¹⁵ O grego Dioscórides é considerado o fundador da Farmacognosia, através da sua obra *De Materia Médica*, considerada um clássico da Farmácia e da Botânica médica no século XVI. A obra está dividida em cinco livros, que descrevem cerca de 600 plantas, 35 fármacos de origem animal e 90 de origem mineral, dos quais cerca de 130 já apareciam no *Corpus hippocraticum*.

realizadas na América poderiam alterar concepções clássicas, o irmão jesuíta afirma discordar de Dioscórides quanto o modo de secar as flores: “*Las flores en estas tierras tengo experiencia, que las secadas á la sombra presto se corrompen de polilla, ó humedad, principalmente la rosa*”. E reforçava que, mesmo que recebesse críticas, “*esta experiencia no es solamente mia, sin que primero me haya alumbrado el peritissimo Fr. Francisco Sirena, religioso de San Agustin, excelente boticario moderno en su farmacopéa.*” (Montenegro [1710], 1945: Advertencias necesarias).

Já a circulação do conhecimento sobre a *artes de curar* no período fica atestada numa passagem em que Montenegro menciona que, apesar de uma relativa demora, decorrente da censura exercida pelo Santo Ofício, “*llego a mis manos las obras de Guillermo Pison, y Jacobo Bonti q.^e escribieron en el Bracil (ñ) en varias Plantas con los nombres de estas tierra*”:

Muchos años he andado para descubrir esta tan noble rais y escogida después que vi su dibujo en las obras de Menardes y Guerta, pero pasados dies y ocho años, de Inquisición llegan a mis manos las obras de Guillermo Pison, y las de Jacobo Bonti ynformado mejor de sus circunstancias. (Montenegro [1710], 1790: 96)

À semelhança de Piso, Montenegro dedicou-se a observar a natureza – tanto do regime dos ventos e das águas, quanto dos hábitos dos índios e também dos animais – o que se manifesta na descrição que faz das virtudes do *ceibo*:

(...) y ese remedio usa muchas veces al tigre para refrigerar el ardor de sus uñas embenenadas de gran calor y humedad el qual subiendo a el arana su cortesa profundamente hasta el mismo pala dejandola como zapato (ilegível), con lo qual se refresca y queda muy ligero para sus caserías y pescas. (Montenegro [1710], 1790: 55)

A consulta aos tratados clássicos, a observação, a coleta e as experiências com plantas nativas parecem ter sido complementados por intensas trocas com indígenas informantes, como se pode constatar nesta passagem em que Montenegro informa que as propriedades da *batatilla* lhe teriam sido repassadas por um índio já convertido:

Ussanla algunos Indios para camaras de sangre assi per bebidas como per ayudas, nose con que buenos susezos, o malos solo di algún crédito a un buen christiano llamado Clemente (...) que me aseguro era buena y eficaz medicina y assi no dudo seran las camaras per una de dos causas opor indigestion grave o cosa asentada en el estomago, o por lombrices, o por gujanos que en estas causas le hallo puede ser eficaz. (Montenegro [1710], 1790:140)

Montenegro, aliás, não deixou de registrar a engenhosidade dos indígenas, como se pode constatar na descrição que faz da aplicação da planta “*vivora de Tarija*”, cujas propriedades eram conhecidas apenas por um espanhol, que não as revelava por “*el interés que le corría*”. O segredo, no entanto, acabou sendo revelado por um indígena – descrito como um caridoso cristão – que, muito perspicaz, observou-o – à distância – colher determinada erva após ser picado por uma cobra:

al punto corrió á un vallecito de un arroyuelo, y un Indio tráz de él, vió que cojió esta yerba, la mascó y aplicó á la herida, y mascando mas tragó el zumo. Dicho Indio fué mas Cristiano, por que luego comunicó el secreto á un su compañero, y de aquí resultó el descubrimiento para conocer su preciosa virtud, y aquel secreto del codicioso europeo. Esto me lo contó dicho Pe. Tomas Moreno. (Montenegro [1710], 1945: 331)

Este registro possibilita a reflexão sobre três situações: a primeira, que parece revelar o uso de plantas medicinais nativas pelos não-nativos, no caso, por um *encomendero* espanhol, que viria a ser descrito como “*codicioso*”; a segunda, que destaca a engenhosidade do indígena, que parecia desconhecer a flora da região onde se encontrava e que será descrito como “*más cristiano*” – na comparação com o espanhol –, e a terceira, que informa que o ocorrido em Tarija havia sido relatado ao irmão Montenegro – instalado no colégio de Córdoba – por outro padre, muito provavelmente, por outro jesuíta encarregado do atendimento espiritual dos indígenas da região do noroeste da Argentina.

Como podemos constatar, mesmo tratando-se de um tratado médico, a *Materia Medica Misionera* escrita por Montenegro parece comprovar não apenas a circulação de medicamentos e conhecimentos entre os jesuítas – através das cópias de tratados e receituários e da intensa correspondência que entre si mantiveram – como também a interação de indígenas e missionários, como evidenciado no relato que transcrevemos.

Chama-nos a atenção, também, a referência que o Catálogo da Província Jesuítica do Paraguai referente ao ano de 1703 faz ao delicado estado de saúde do irmão Montenegro: “*había hecho los últimos votos el 25 de abril de 1703, que se allaba en las Misiones del Rio Paraná, que sus fuerzas físicas eran ‘débiles’ y su oficio era el de cirujano (Chirurgus)*” (Furlong, 1947: 67). Em um trecho da *Materia*, Montenegro menciona a causa dos seus problemas de saúde e o emprego da farmacopéia nativa no tratamento da tuberculose:

“El cocimiento del Guayacán bebido por largo tiempo cura la llaga de los pulmones, mejor que otro remedio alguno, como lo tengo por experiencia, así en mí, como en otros muchos, qué de asistir á tísicos á visitarlos la contratamos en el Colegio de Cordova, y viendome yá como desauiciado, revolviendo libros, autores, para curarme, hallé en Riveiro, como Ascencio insigne Medico en Francia, curó á muchos con el cocimiento de Guayacán, bebido por largo tiempo.” (Montenegro [1710], 1945: 21-22).

Na *Materia Medica Misionera* são constantes as referências à utilização de plantas medicinais americanas na Europa e na Ásia, apontando não apenas para a circulação de medicamentos, mas também para a troca de conhecimentos e de práticas terapêuticas. Isto pode ser constatado na menção feita ao *bálsamo de copayba* – indicado no tratamento de feridas – e que *“es oy mui conocido y usado por toda la Europa, Africa y America, y con grande estima y subido precio en el Japon y China segun estoi informado a causa de sus admirables virtudes”* (Montenegro [1710], 1790: 11). Chama-nos a atenção o quão bem informado estava o irmão jesuíta, sobretudo na menção feita ao preço elevado da *copayba* no Japão e na China, o que parece comprovar que havia efetivamente na América meridional – nas e entre as regiões das Províncias jesuíticas – relativamente isoladas geograficamente – , uma contínua circulação de informações e ideias.

Em relação aos procedimentos que deveriam ser adotados para o reconhecimento das qualidades de cada planta, ele complementa: *“Las qualidades actuales de calor, humedad, frialdad o sequedad, se discernem, o conocen por el tacto, cujo principal instrumento es el cuerecito interior de los dedos siendo en medio de todos los excessos constituido”* (Montenegro [1710], 1790: Advertências Necessárias). Outro fator importante para a identificação das utilidades das plantas era o sabor – que teria relação direta com as qualidades acima referidas –, pressuposto, aliás, também observado e defendido pelo coetâneo Geronimo de Ayala, e que pode ser observado na *Materia Medica Misionera*:

Conocen se también las virtudes potenciales de las medicinas o simples por los sabores, que [ilegível] el gusto los cuales por una mescla delas quatro qualidades primas son engendradas; de donde nacen que a los elementos puros, y simplísimos ningún sabor por no costar [sic] cada uno de ellos sino de dos qualidades. (Montenegro [1710], 1790: Advertências Necessárias)

Segundo ele, a maioria das plantas apresentava possibilidades de usos diversos, conforme a parte que fosse usada, como a flor, folha, casca ou raiz, ou, então,

diferenciava-se a partir do modo de seu preparo, sendo comuns as beberagens, os pós e as folhas para mastigar, entre outros. Entre as plantas de uso diversificado estava a *coniza mayor* que funcionava como uma espécie de pesticida, espantando pulgas, cobras e aranhas, além de ser aplicada como emplasto e ter função purgativa e abortiva:

Machacada e cosida con bino aplicadas alas mordeduras delas serpientes los socorre y cura las heridas con admiracion asside serpientes como de instrumentos o palos assi como el romero de sus flores ojas y cogollos una onsa cosidas en bino y dado a beber quatro onsas de su cosim.¹⁰ acelera el parto y hace bajar el mestruo retenido; p.^a sanar el estilicidio dela orina, los torcijones del biente y la ytericia bebidas con binagre el polvo de las mismas cojas sanan la gota coral, su sumo metido en la boca dela matris purgala. (Montenegro [1710], 1790: 136)

Apesar de descrever as qualidades de todas as plantas referidas no tratado, Montenegro apresenta também dúvidas quanto à adequação e à eficácia do uso de algumas, destacando as contradições existentes entre as opiniões de diferentes autores. Além de evidenciarem seu profundo conhecimento, estas observações parecem revelar uma postura crítica do jesuíta em relação a sua indiscriminada aplicação: “*Son los clavos segun Pablo Cgineta odoriferos agudos, y con bastante amargor, calientes y secos en el tercero grad, pero segun la historia de Ethiopia escrita por el padre Manuelte en la cronica de Portugal, es seco en el cuarto grado*”. (Montenegro [1710], 1790: 6) O mesmo pode ser observado na referência que faz ao *incienso laurel*:

(...) no tengo esperiencia de ella por no haverla sacado , es poco mayor dela del ybabiyo ao rayan montano; esta es la que he podido rastrear de este arbol cierto muy medicinal y amigo dela naturalesa humana paraque por aqui pudan otros de mejor ingenio in con el tiempo aberiguando sus virtudes poco a poco por ser tan peligrosas las esperiencias delos simples. (Montenegro [1710], 1790: 27)

Na *Materia* de Montenegro são recorrentes as descrições de experiências que ele próprio fazia com plantas, o que, de alguma forma, legitimava e autorizava suas recomendações, como fica demonstrado na descrição feita sobre o *asaro menor* e sua utilização na cicatrização de feridas:

(...) tengo las por calientes en el segundo grado y secos en el tercero aunq.e halla en la superficial y de sus ojas sierta qualidad fria o templada de suerte que al principio aplicadas alas ericipelas o llagas er(x)icipel latosas las delas piernas repelen en [ilegível] y en parte resuelben como se puede ber por la esperiencia en toda llaga de destemplansa caliente y en las canserosas con dicha destemplansa como

lo tengo experimentado, y aberiguado barias veces. (Montenegro [1710], 1790: 105)

Essa posição é assumida já no Prólogo da *Materia Medica Misionera*, no qual Montenegro afirma que a virtude de uma receita residia na sua aplicação conforme a observância de prescrições¹⁶, pois

(...) va para 18 años q.^e estoi aberiguando sus qualidades segun su graduacion (...) te puedo decir como cosa sierta que desde [ilegível] acuerdo tener uso de rason me siento inclinado [ilegível] de conocer y saver la virtud delas plantas y curar com elas a mi y a mis proximos, y a ellas devo la vida por tres veses, q.^e de varias enfermedades y heridas mortales de necesidad; segun varios Autores afirman no ser curables (Montenegro [1710], 1790: Prólogo).

As recomendações para que a receitas fossem seguidas à risca podem ser encontradas ao longo de todo o tratado, com as advertências de que qualquer mudança na composição das medidas¹⁷ – ou então da parte utilizada da planta – tornaria a receita perigosa ou causadora de outras doenças, como nesta referência ao *Lino Selvaje ou Mbocayi*:

La raiz del Mbocayi echa cosim.¹⁰ una onza de ella o media de sus cortesas en tres quartillos de agua y que [ilegível] ga hasta mermar, el uno tiene virtud especial contra las fiebres malignas tomando de su cosim.¹⁰ en ayunas ocho onzas con dos de mieles de abejas o xarave de limon o sidra, y assi mismo es remedio alas fiebres putridas, y las mordeduras de vivoras y animalejos.. (Montenegro [1710], 1790: 198)

Ao descrever o modo de preparo de uma infusão de *rosa mosqueta* – eficiente para limpar o sangue, purgar a cólera e a melancolia – Montenegro ressalta que deveriam ser fervidas duas onças da flor em uma vasilha de prata – ou vidrada – e um quartilho de água, após o que deveriam ser misturados. As recomendações quanto ao uso de uma vasilha de prata e ao tempo de duração da fervura – o tempo de uma *Ave Maria* – são recorrentes em diversas fórmulas.

Apesar dos avanços significativos – decorrentes da experimentação – observáveis no conhecimento médico do Setecentos, muitos dos procedimentos terapêuticos se mantinham ainda atrelados às recomendações feitas pelos religiosos e a

¹⁶ Os Tratados de Medicina dos séculos XVII e XVIII são compostos por “extenso receituário, indicando os ingredientes e as quantidades das preparações”. (Leal; Ferreira, 2007: 90) O registro e a regulamentação da preparação de medicamentos deu origem à primeira Farmacopéia oficial – a *Matricense* –, publicada em 1739, que simplificou procedimentos e sistemas de anotação e unificou pesos e medidas, substituindo a *Palestra Farmacêutica* de Palacios que vinha sendo utilizada até então.

¹⁷ As receitas, vale lembrar, observavam as unidades de medida vigentes à época, tais como as onças (28,691 gramas), o quartilho (0,665 do litro) e a libra (459 gramas) (Santos Filho, 1947).

medicamentos e práticas de caráter mágico-ritual. O Tratado escrito pelo jesuíta Montenegro parece refletir bem isto, ao exaltar a intervenção divina nas curas, como se pode constatar em duas passagens do prólogo. A primeira em que afirma que “*Tiene se por cosa sierta assi entre los autores Griegos como entre los latinos que el imbentor dela medicina fue solo Dios immortal y sierto va fundada en rason la tal aberiguacion*”, e a segunda, em que atribui a cura a Deus, “*aquel Sumo Architecto fabricante de cielos e tierra*” (Montenegro [1710], 1790: Prólogo).

Outra forma de Montenegro exaltar este aspecto se dá através da descrição que faz das qualidades de plantas encontradas nas regiões que circundavam as reduções, como o *araçay*, usado para combater as *camaras de sangre*: “*Pusso la Divina Providencia en estas tierras tan pobres de médicos y boticas, y la cria en tanta abundancia que hombres e animales se valen de ella para sustento y medicina*” (Montenegro [1710], 1790: 44). A associação entre as plantas e a Providência Divina remonta ao Renascimento e tem origem em antigas teorias herméticas – para as quais “as plantas curativas são portadoras de marcas que indicam aos homens suas virtudes terapêuticas. Assim, a noz, cuja forma evoca o cérebro humano, serve para o tratamento de perturbações mentais, e as plantas aveludadas, ou com caules ou raízes com aspecto peludo, são boas contra a queda de cabelo” (Le Goff, 1984: 353). Na obra de Montenegro verificamos algo distinto, já que em nenhum momento o formato da planta, folhas ou flores é associado a uma terapêutica que guarda semelhança com alguma parte do corpo. O que se vê, são plantas que, por lembrarem determinada passagem do Evangelho, traziam em si um toque divino. Como se pode constatar no processo de floração da *azucena silvestre americana*:

(...) son barias, en color sus flores unas blancas otras coloradas o encarnadas otras jaspeadas de Blanco y encarnado y enfin otras diciplinadas como salpicadas de sangre todas ellas menos las encarnadas echan ojas dedos endos y anoho, y tres quartas y media de largo con un talo grueso y alto de abana en sima del qual en sierto surrancillo largo y puntiagudo se ensierran sinco Azucenas, el qual abierto se ba cada una de ellas abriendo p.^r sucesion su flor a modo de embudo cada una compuesta de sinco ojas, todo ello misteriojo, assi como la verdadera Azucena o lirio blanco, como representacion de las llagas de Nro. Redemptor que parece que quiere recordarnos esta planta todos los años al salir su flor la memoria de las llagas y sangre de nn.â Redempcion). (Montenegro [1710], 1790: 130)

Ao referir-se a um bálsamo feito com a planta *nardo*, Montenegro não apenas o associa a um uso milenar, pois “*si mal no me engano es aquel de los antiguos conq.^e*”

ungian los cuerpos muertos”, como o vincula também à própria história do Cristianismo, pois “*el que la Magdalena derramó a los pies de Christo que segun grandes autores afirman es este nno. nardo, sino que con el tiempo se perdio la noticia de su composission*” (Montenegro [1710], 1790: 128).

Também a utilização de amuletos é mencionada, com destaque para a pedra bezoar e que na obra de Montenegro é referida em ao menos duas receitas. Numa delas, a pedra seria utilizada contra as “*virguelas*”, juntamente com quatro folhas de *calamita menor* e duas onças de açúcar, o que provocaria suores nos pacientes, razões pela qual recomendava que fossem guardados do vento. Em outra receita, Montenegro faz menção ao seu uso combinado com folhas da *sextula maior*: “*I si sele echan unas dos ojas de boraja y piedra bezoar es más sudorifica y mitiga los dolores internos assi del ventrículo como del hgado*” (Montenegro [1710], 1790: 142). Partes do corpo humano ou de determinados animais eram recurso terapêutico amplamente utilizado pela sociedade européia no Setecentos, assim como fezes, urina e saliva. Na obra *Materia Medica Misionera* encontramos uma receita que prevê o uso de uma cabeça de carneiro:

Tomarás una cabeza de carnero biejo quitando el cuerpo por la a cocer en una olla que tenga quatro asumbres de agua y em estando a medio cocer leiras echando las yerbas siguientes; mansanilla, eneldo, y ruda de cada uno un puñado cuesan medio quarto de hora y al cabo del ponle toracañ quatro onsas bledos flancos, parietaria mercuriales, malvas, raices de borrajas y de achicorias y de esparragos un puñado de cada una (ã) fiecho labado dos puñados cuesan hasta que la carne de la cabeza se despegue de los guesos y si fuere tan dura que apuer mas de mitad del agua le podras añadir de otra agua caliente de suerte q.^e quedandos (ilegível) cosim.¹⁰ del qual se achan ayudas añadiendo a cada una una onsa de aceite ocaracu mini tomance de mañana o por la tarde como mejor se hallase el paciente cada dia una. (Montenegro [1710], 1790: 143)

A astrologia – e suas influências sobre as plantações e os humanos – também se faz presente na obra do jesuíta. Por reiteradas vezes, Montenegro recomenda que algumas plantas deveriam ser colhidas em determinado mês do ano ou fase da lua: “*y así para sacar la sangre de drago es nessesario q.^e es la creciente de luna a lo último de ella hagan talla al arbol en el mes de Julio o Agosto poniendo un mate o calabaso p.^a q.^e la recoja arimado ala ficion del arbol q.^e lada en abundancia*” (Montenegro [1710], 1790: 37). Uma planta chamada *Guembe* – indicada para os males decorrentes de “comida assentada no estômago” – mereceu a atenção especial do jesuíta, que descreveu a influência que os planetas exerciam sobre ela:

Dicho remedio aranca el abito asentado en el estomago echando la por abajo o por bomito medio quarto de ora despues de tomado es aprobado remedio. esta planta se conoce ser procreada del planeta sol, pues todas as partas lo estan disiendo como se be q.e en partes algo frias (ilegível) fructifica por ser poco ayudada y fortalecida del. tiene grandes influencias de Marte por que es enemiga a los colericos. y atrae mucho dela Tierra con sus raises p.' lo mucho que ella recibe dela luna y p.' esso es tan benenojo cogida en creciente de luna. (Montenegro [1710], 1790: 81)

Como se pode constatar, para além do método e da observação rigorosa que caracterizava as experiências com plantas medicinais realizadas pelo irmão jesuíta Montenegro, as receitas que integram a *Materia Medica Misionera* parecem comprovar tanto a permanência de muitas das práticas curativas mágico-rituais originárias da ritualística católica e do universo simbólico europeu, quanto a existência de uma refinada convergência de saberes médicos e de práticas culturais na América meridional.

Considerações Finais

A coleta e as experiências realizadas com plantas existentes nas imediações dos colégios e das reduções resultaram não apenas na instalação de herbários e no melhor atendimento de doentes através das boticas, como também a organização de tratados de farmacopéia nativa. Muitos destes conhecimentos – sobre medicamentos e práticas terapêuticas – foram compartilhados através da intensa correspondência que os missionários mantiveram entre si ou das cópias dos catálogos e receituários que fizeram circular entre as reduções e os colégios das Províncias Jesuíticas da América meridional e aqueles instalados na Europa – em especial, com a farmácia do Colégio Romano – e também no Oriente. (Anagnostou, 2000) Algumas boticas – como a do Colégio San Pablo, de Lima – transformaram-se, com o passar do tempo, em centro de referência, enviando medicamentos – como o *bezoar peruano*, a *ambrosia mexicana* e a *quina* – para estabelecimentos da Companhia de Jesus no Chile, Paraguai, Argentina, Equador, Panamá e no Velho Mundo, atestando a intensa circulação de saberes, medicamentos¹⁸ e práticas curativas.

Concomitantemente a este processo, na Europa ocorria a ampliação da impressão de livros especializados em Botânica, Química, Farmácia e Medicina, favorecendo a difusão e a modernização dos conhecimentos científicos, além da melhor

¹⁸ Dentre eles, está uma variante da triaga romana, composta a partir de plantas medicinais nativas, tais como o jaborandi, a ipecacuanha e o bálsamo de copaíba, e que por ser muito valiosa, tinha sua receita mantida em segredo.

formação dos “*hombres de ciencia*”. Apesar de não serem “*especialistas en la ciencia de Galeno y en Farmacopea*”, os jesuítas – dada a sua atuação como médicos e boticários – seguramente procuraram suprir a falta de conhecimentos importando livros editados na Europa, incorporando-os as suas bibliotecas, como atestam as correspondências trocadas entre eles e os inventários dos bens da Companhia de Jesus na América após sua expulsão. As menções feitas por Pedro de Montenegro a Riveiro Pedro Andrés Mathiolo, Andrés de Laguna e Dioscórides e a aplicação de alguns de seus pressupostos, especialmente, nos três primeiros capítulos da *Materia Medica Misionera*, parecem confirmar o acesso e a leitura destas obras médicas de referência pelo irmão jesuíta.

A análise da obra *Materia Medica Misionera* do Irmão jesuíta Pedro de Montenegro permite, em razão disso, a reconstituição dos saberes médicos e do conhecimento científico difundido e produzido na primeira década do século XVIII na América meridional. Nela, estão presentes tanto as dificuldades encontradas pelos missionários para contornar as epidemias que se abatiam sobre as populações indígenas, quanto as constantes – e necessárias – experimentações que tiveram que ser feitas em decorrência das carências e das características do meio em que eles atuavam, determinando a coleta e a organização de saberes sobre a natureza e o território.¹⁹ Por outro lado, as inúmeras referências que Montenegro faz a autores clássicos de tratados de medicina – e a alguns de seus contemporâneos –, além de evidenciarem seu conhecimento sobre a *arte médica*, apontam para aplicação e a para a circulação de conhecimentos farmacológicos e médico-cirúrgicos europeus nas áreas dos impérios coloniais ibéricos na Europa.

A obra nos revela, ainda, que os espaços jesuítas de formação e de missão na América meridional – com destaque para os colégios e as reduções – foram palco tanto da aplicação dos saberes europeus, quanto de sua avaliação – o que fica evidenciado nas manifestações explícitas de sua aceitação, comprovação ou contestação que Montenegro

¹⁹ Mas não apenas o conhecimento das propriedades curativas oferecidas pela natureza – sobretudo, da flora americana existente no entorno das missões – interessava aos missionários jesuítas preocupados em contornar os efeitos das epidemias, como se por depreender da preocupação que tinham com a instalação dos *pueblos* em áreas que garantiriam a saúde dos indígenas. No século XVIII, os missionários continuaram observando as Instruções definidas, em 1610, pelo Provincial Diego de Torres Bollo, procurando instalar as reduções longe da umidade danosa dos pântanos, para que pudessem desfrutar de ar mais puro, fugir dos mosquitos, sapos e víboras e contar com boas águas para beber, lavar-se e banhar-se, erguendo-as próximos a bosques, seguindo a orientação sul, o que favorecia os ventos frescos tão necessários nesta terra de tantos calores.

faz ao longo do texto –, como também de experimentalismos e trocas culturais entre saberes e práticas de cura, que podem ser constatadas nos catálogos de botânica médica, tratados médico-cirúrgicos e receituários escritos por irmãos e padres da Companhia de Jesus na primeira metade do século XVIII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES DOCUMENTAIS

- AYALA, Geronimo de, (1705), *Principios de Cirugia utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad*. Valencia: Jayme de Bordazar editor.
- CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY (C. A). Anõs 1714-1720, (1927), Traducción de Carlos Leonhardt, S.J. Buenos Aires.
- MONTENEGRO, Pedro, (1790), *Matéria Médica Misionera*. (manuscrito que se encontra sob a guarda do Instituto Anchietano de Pesquisas – IAP-UNISINOS, São Leopoldo, RS).
- MONTENEGRO, Pedro, (1945), *Matéria Médica Misionera*. Buenos Aires: Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires.
- ORDENANZAS, y constituciones para el para el buen gobierno, y administracion del Hospital General de la Misericordia desta villa de Madrid, y de los demas Hospitales, por autoridad Apostolica y Real, a el reduzidos, (1611), Madri: por Juan de la Cuesta.
- RIBERA, Francisco Suarez de, (1724-1725), “*Medicina Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Medicopracticos, Chymico-Galenicos*, Madrid: por Francisco del Hierro.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- ANAGNOSTOU, Sabine, (2000), *Jesuiten in Spanisch-Amerika als Übermittler von heilkundlichem Wissen. Quellen und Studien zur Geschichte der Pharmazie*, Stuttgart.
- ARATA, Pedro, (1898), Botânica Médica Americana. Los Herbarios de las Misiones del Paraguay. *La Biblioteca*, II: VII, Buenos Aires.
- CORBIN, Alain, (1987), *Sabores e Odores*, São Paulo: Companhia das Letras.
- CREMADES, Norma Acerbi, (2000), Los jesuitas y la Medicina de Córdoba desde 1599 a 1767. *Actas Congreso Internacional Jesuitas 400 años en Córdoba*. Córdoba, Tomo 4: 11-25.
- FURLONG, Guillermo, (1947), *Medicos Argentinos durante la dominacion hispanica*, Buenos Aires. Huarpes.
- FURLONG, Guillermo, (1962), *Misiones y sus Pueblos de Guaranies*, Buenos Aires: Ediciones Theoria.
- GESTEIRA, Heloísa Meireles, (2006), Manuscritos Médicos e circulação de idéias nas missões jesuíticas na América. *Anais Eletrônicos*. VII Encontro Internacional da ANPHLAC, Campinas/São Paulo: 01-08.
- LE GOFF, Jacques, (1984), *As Doenças têm História*, Lisboa: Terramar.
- LEAL, Catarina Cunha; FERREIRA, Manuela Almeida, (2006-2007), Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. *Portugalia*. Nova Série, Lisboa, vol. XXVII-XXVIII: 89-117.

PAGE, Carlos; FLACHS, Maria Cristina Vera de, (2010), Textos Clásicos de Medicina en la Botica Jesuítica del Paraguay. *Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija*, Madrid, 13: 117-135.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro, (1947), *História da medicina no Brasil: do século XVI ao século XIX*, São Paulo: Brasiliense.

<http://interesculashistoria.org/>